

Clipping da Infância e Juventude do TJPE – 02/03/2015

- *Estudantes de Currais Novos (RN) levam comunicação audiovisual para suas comunidades*
- *Corregedoria avaliará situação de crianças e adolescentes acolhidos*
- *Crianças de 1 ano já têm contato com tablets em escolas*

Assunto: Estudantes de Currais Novos (RN) levam comunicação audiovisual para suas comunidades

Fonte: Promenino

Data: 02/03/2015

Promenino

Comunicação, cultura, protagonismo juvenil e educação. É em torno dessas áreas que se constrói a Rede Potiguar de Televisão Educativa e Cultural (RPTV). O projeto, encabeçado pelo Centro de Documentação e Comunicação Popular em Currais Novos (RN), visa a formação de crianças e adolescentes



para a produção e veiculação de conteúdos audiovisuais em um canal da televisão a cabo, além de levar cultura para escolas e comunidades.

O embrião da iniciativa foi uma parceria entre a ONG e a secretaria estadual de educação do Rio Grande do Norte que possibilitava a exibição de filmes, debates e a realização de oficinas em escolas públicas. A partir dessa experiência e com a possibilidade de ocupar espaço na televisão a cabo é que se criou a Rede Potiguar de Televisão Educativa e Cultural.

Local: Currais Novos, Rio Grande do Norte

Início e duração: De 2010 até os dias atuais.

Responsáveis: Centro de Documentação e Comunicação Popular (CECOP).

Prestes a completar cinco anos, o projeto atende hoje diretamente vinte crianças e adolescentes, de 12 a 18 anos. Com apoio de educadores, o grupo recebe capacitação para realizar as diferentes etapas da produção audiovisual e produz os conteúdos para a emissora educativa. As atividades acontecem diariamente no período do contraturno escolar.

O projeto também se preocupa com a formação cultural e cidadã dos jovens participantes. Assim, a produção dos conteúdos passa também por debates sobre diferentes temáticas. “Há cinco temas que perpassam os conteúdos do projeto”, explica o coordenador Raimundo Melo. São eles: o uso da imagem para a construção da memória; os direitos da criança e do adolescente; cultura popular; meio ambiente e a diversidade.

De portas abertas

Além da produção de conteúdo, a RPTV realiza ações com escolas e com a comunidade. Aos estudantes da rede pública de educação de Currais Novos, são oferecidas exibições de filmes, debates e oficinas de audiovisual. O trabalho nas escolas pode também ser realizado em parceria com educadores que estejam abertos a envolver o projeto em suas aulas. Raimundo acredita que o audiovisual pode potencializar o trabalho dos professores e exemplifica com a possibilidade de realizar um diagnóstico do meio ambiente da comunidade com o uso de foto e vídeo. “Com isso, acreditamos que podemos contribuir com a dinamização do espaço escolar, contribuir com o diálogo entre a escola e a comunidade e abordar o papel da comunicação para a discussão da realidade local”, explica.

O terceiro espaço de atuação da RPTV é junto à comunidade quilombola Negros do Riacho. Ali, a cada semana são realizadas atividades que incluem a exibição de filmes, contação de histórias e produção de vídeos e fotográficas do local. A partir de discussões com a comunidade, o grupo percebeu a necessidade de preservação da cultura e identidade locais. Assim, a comunidade, em parceria com a ONG está construindo um local de memória com o material fotográfico produzido pelos próprios jovens, que tornam-se protagonistas no resgate e valorização da história da comunidade.

<p>Envolvidos e parceiros: Secretaria Municipal e Estadual de Educação, organizações e equipamentos comunitários e escolas. Financiamento: Editais públicos. Em 2014 e 2015, o projeto foi contemplado com uma parceria da Petrobras e com o Prêmio Itaú-Unicef.</p>
--

Principais resultados

Segundo Raimundo, professores relatam maior interesse pela escola e pelos conteúdos e atitudes mais solidárias e de cooperação são alguns dos impactos perceptíveis que a RPTV gera nas crianças e adolescentes que participam do projeto. “Há uma ampliação do olhar para a cultura local e para o próprio sentido do ato de aprender”, conta o coordenador da RPTV. “Estamos contribuindo para a formação de um cidadão que tem um olhar diverso e mais amplo”, complementa, associando o processo de comunicação local, ferramentas necessárias à aprendizagem, como pesquisa, leitura, escuta, construção textual e trabalho em grupo.



O coordenador explica também que o projeto apoia o desenvolvimento da comunicação pessoal, por meio do protagonismo que possuem na RPTV. “É um espaço em que o estudante é estimulado a falar e em que há a prática do diálogo; então temos a superação da timidez e adolescentes se expressando melhor.”

Além das 20 crianças e adolescentes atendidas diretamente, o projeto chega a 130 estudantes da rede pública e mais 80 crianças da comunidade quilombola, formando uma extensa rede de jovens comunicadores, engajados com sua própria aprendizagem e desenvolvimento sustentável de suas comunidades.

Assunto: Corregedoria avaliará situação de crianças e adolescentes acolhidos

Fonte: CNJ

Data: 02/03/2015



Tendo como pauta o elevado número de crianças e adolescentes em instituições de menores de Alagoas, a Corregedoria-Geral da Justiça de Alagoas (CGJ-AL), por meio da Comissão Judiciária de Adoção Internacional (Cejai), a Coordenadoria da Infância e Juventude (Ceij) e a Secretaria de Estado da Mulher, Direitos Humanos e Cidadania vão realizar, em 10 de março, reunião no Tribunal de Justiça com diretores e técnicos de entidades de acolhimento institucional e

familiar do estado. Atualmente, existem 296 crianças e adolescentes nas 25 entidades alagoanas. Dessas, apenas 20, com idade entre 12 e 17 anos, estão aptos para adoção e boa parte chega à maioridade sem ter encontrado uma família.

Entre as ações propostas para dinamizar os processos de adoção e destituição do poder familiar está a regularização jurídica das crianças e adolescentes. A situação de cada abrigo será diagnosticada a partir de relatórios que deverão ser entregues pelos representantes das entidades e que foram feitos a partir de um questionário elaborado pela Corregedoria com perguntas sobre a quantidade de crianças ou adolescentes existentes em cada local; o recebimento ou não de visitas dos pais ou parentes; e acerca dos processos de destituição familiar em andamento ou pendentes.

Além dos representantes de abrigos, foram convidados para a reunião o promotor, a juíza e a defensora pública da 28ª Vara Cível da capital, respectivamente Medeiros Filho, Aída Cristina Lins e Manuela Carvalho Menezes, todos membros da Secretaria Municipal de Assistência Social e do Organismo Internacional Projeto São José. Também foi convidado o juiz da 1ª Vara Criminal da capital, Ney Costa Alcântara, a secretária de Estado Roseane Cavalcante e a diretora da Entidade Aldeias Infantis de Maceió, Rickelane dos Santos.

Resolução CNJ - A Coordenadoria da Infância e Juventude surgiu a partir da Resolução nº 94-2009 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) com o intuito de coordenar e orientar as atividades das varas e juízes que atuam na área da infância e juventude. Em Alagoas, a Ceij foi criada pela Resolução 0-14 de 2010, do Tribunal de Justiça. Recentemente, a coordenadoria foi reestruturada, passando a ser presidida pelo corregedor Klever Rêgo Loureiro e tendo entre seus membros o juiz auxiliar da CGJ-AL, Carlos Cavalcanti, presidente da Cejai.

Alagoas não promove uma adoção internacional desde 2010 e a nova gestão da Corregedoria, por meio de ações pontuais, pretende mudar esse quadro, visto que as famílias estrangeiras costumam adotar crianças maiores, com poucas chances de serem adotadas por brasileiros.

Assunto: Crianças de 1 ano já têm contato com tablets em escolas
Fonte: Diário de PE
Data: 02/03/2015



Mal deram os primeiros passos e os bebês já dominam tablets e smartphones. Mas os pais ainda têm dúvidas sobre a influência dos cliques no desenvolvimento infantil. Algumas escolas, de olho nas potencialidades pedagógicas, usam os aparelhos com alunos desde 1 ano de idade.

A bancária Vanessa Brandani deu um tablet de presente para a filha Isabela, que acabou de completar 3 anos. No aparelho, a criança curte brincadeiras tradicionais em versão high-tech, como jogo da memória e quebra-cabeça. "Mesmo novinha, ela manuseia com muita facilidade. Aprendeu quase sozinha. Parece que estava conectada desde a barriga", brinca.

Para a mãe, há vantagens. "Ela identifica o próprio nome na tela. Tem aplicativos de pintar, desenhar. Desenvolve a coordenação motora", disse. "Sei que alguns especialistas são contra. Mas no restaurante é um santo remédio. Ela se distrai", afirma Vanessa, de 36 anos. "Controlo tudo o que ela acessa e não deixo usar por tempo demais."

Em classe

No Colégio Mater Dei, no Jardim Paulista, zona oeste da capital, os games e a internet entraram na rotina dos alunos pequenos. O bebê, de só 1 ano, desliza o dedo pela tela em um teclado virtual. Em outro jogo, escuta o ruído de um animal ao clicar na foto correspondente. "É tudo adaptado para cada faixa etária, com planejamento e limite de horário", explica Lucila Cafaro, coordenadora de educação infantil.

Os aplicativos ajudam na identificação de cores e formas, para os mais novos, e na grafia de letras ou quantificação de números na fase de pré-alfabetização. "E não são apenas joguinhos: eles também veem vídeos e fazem tour virtual por museus", exemplifica. Mas a ideia, reforça Lucila, não é substituir as atividades físicas e manuais, mas complementar.

Mesmo antes de entrar em classe, a tecnologia tem efeitos. As crianças da era digital têm perfil diferente daquelas do passado. "Têm mais conhecimento prévio. E, por causa da tecnologia, são mais criativas", descreve Lucila. "A maior dificuldade é o contato com o próximo. São mais individualistas." Outra demanda, disse ela, é por dinamismo: têm ainda menos paciência para ficar muito tempo na mesma atividade.

Paola Carone, de 5 anos, está entusiasmada com os tablets em sala de aula. O uso da tecnologia começou no ano passado na Escola PlayPen, no Cidade Jardim, zona oeste. "É

legal porque a gente pode escolher o jogo. Só não pede o que precisa escrever porque a gente não sabe ainda", contou ela. Cada turma tem um pacote próprio de games para evitar contato precoce com alguns conteúdos.

Em casa, Paola usa o tablet dos irmãos, mas quer um próprio. Gabriel Penalva, de 5 anos, colega de Paola, já tem um aparelho. E a intimidade com o teclado faz o menino preferir escrever o nome na tela ao papel. "Às vezes eu não lembro como faz a letra 'e'. Na tela, já aparece e aperto."

Segundo Gláucia Rosas, coordenadora de tecnologia da PlayPen, os equipamentos facilitam um trabalho mais personalizado. "A professora consegue ficar com o grupo de alunos que precisa de atenção individual. Enquanto isso, pode deixar um grupo mais avançado sozinho porque o iPad já dá o feedback que o aluno precisa", afirmou.